

José Antonio Sabio Pinilla
(Universidad de Granada)

O SUFIXO DIMINUTIVO -INHO E A SUA TRADUÇÃO PARA O ESPANHOL

As gramáticas estudam normalmente os sufixos diminutivos dentro da morfologia, junto da derivação das palavras. Apenas algumas das mais recentes apontam o valor axiológico que estes elementos podem expressar no discurso, mas não registam nem descrevem os valores semânticos que podem adquirir no uso¹. A focagem formal não ultrapassa a esfera da formação das palavras e as regras por que são governadas, descurando a importância do contexto para determinar a função e o valor dos diminutivos. Amado Alonso foi talvez o primeiro linguista a chamar a atenção sobre a inutilidade de estudar o valor estilístico do diminutivo independente de toda a situação real². Também o professor Rodrigues Lapa notou a capacidade estilística dos diminutivos que

¹ Os sufixos diminutivos estudam-se na *Gramática da Língua Portuguesa* de Mateus, Brito, Duarte e Faria (Caminho, Lisboa, 1989, 2ª ed. revista e aumentada) dentro da *morfologia derivacional*, fazendo parte da *sufixação avaliativa* (p. 382); na *Gramática Portuguesa* de Vázquez Cuesta e Mendes da Luz (Gredos, Madrid, 1971, 3ª ed.) assinala-se o valor que têm para destacar afectivamente os nomes e conferir uma ideia de pequenez (Vol. I., p. 298); no *Manuel de Langue Portugaise* de Teyssier (Klincksieck, Paris, 1976) indica-se que «expriment la petitesse, en ajoutant à ces sens fondamental des valeurs intellectuelles et affectives complexes -affectation, attendrissement, humilité, ironie, etc.» (p. 69).

² Cf. A. Alonso, «Noción, emoción, acción y fantasía en los diminutivos», en *Estudios lingüísticos. Temas españoles*, Gredos, Madrid, 1974 (3ª ed.); p. 164; (é reimpressão do artigo publicado em 1935 na revista *Volkstum und Kultur der Romanen*, 8, pp. 104-126).

podem expressar, segundo as intenções do falante ou do escritor, os mais variados sentimentos subjectivos³. Cada diminutivo é, portanto, um caso particular e possui um valor semântico diferente em cada texto, deduzível a partir das orientações fornecidas pelo contexto.

Esta variedade de funções e valores, difícil de sistematizar, constitui um grande problema para os tradutores. Se eles não levarem em conta o contexto em que aparece o diminutivo, não respeitarão o seu valor e a tradução não produzirá o mesmo efeito no leitor espanhol. Só uma visão textual global é capaz de aprofundar a análise do significado avaliando os vários factores que intervêm na produção de um texto, de maneira a que seja uma informação valiosa e decisiva na hora de traduzir, nomeadamente línguas tão parecidas como a portuguesa e a espanhola.

A escolha do sufixo -INHO, -A (e as suas variantes -ZINHO, -A; -INO, -A e -ININHO, -A) obedece ao facto de este diminutivo ser o mais frequente da língua portuguesa desde tempos antigos⁴; tem imensa produtividade para dar expressão sobretudo ao afecto⁵ ou a cambiantes semânticos que se desprendem da ideia de pequenez⁶, e que em virtude da intenção e circunstâncias em que é usado pode expressar, a partir dos valores de carinho e pequenez, que lhe são essenciais, um efeito irónico, sendo então um excelente

³ Cf. M. R. Lapa, *Estilística da Língua Portuguesa*, Coimbra Editora Lda., 1984 (11ª ed. revista pelo autor); pp. 104-112.

⁴ Cf. C. Cunha e L. Cintra, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Edições Sá da Costa, Lisboa, 1984; p. 93.

⁵ Cf. S. Skorge, «Os sufixos diminutivos em Português», *Boletim de Filologia*, t. XVII, 1958; p. 24.

⁶ Cf. D. Maçãs, «O sufixo -INHO junto a adjectivos na linguagem familiar portuguesa», *Boletim de Filologia de Santiago de Chile*, 8, 1954-55; pp. 219 e 232.

recurso estilístico para expressar a ideia da mediocridade⁷. Esta variedade de usos, as mais das vezes imbricados, é o ponto de partida para examinar os problemas que apresenta aos tradutores espanhóis a tradução deste sufixo diminutivo português⁸. Problemas estes que têm a ver com a tradução geral de línguas muito próximas, em que a maior dificuldade consiste em libertar-se do servilismo de traduzir palavra por palavra. Não é o nosso objectivo estabelecer regras de tradução do sufixo -INHO, já que não existem regras pré-fixadas para a tradução dos fenómenos linguísticos isolados do texto. O tradutor deverá pôr em prática as suas diferentes competências para tomar uma decisão acerca da finalidade comunicativa do autor, que se serve, neste caso, de um morfema expressivo e o emprega numa determinada situação comunicativa com uma intenção avaliativa concreta. Esperamos, no entanto, poder dar algum contributo num domínio pouco investigado como é este da tradução do diminutivo, que se insere dentro dos problemas específicos da tradução de línguas muito próximas.

Vamos começar pela comparação de quatro traduções do conto fantástico *O Mandarin* de Eça de Queirós, a fim de contrastar as equivalências propostas pelos tradutores e verificar se respeitam o valor semântico do diminutivo⁹.

⁷ Cf. M.^a H. de Novais Paiva, *Contribuição para uma Estilística da Ironia*, Publicações do Centro de Estudos Filológicos, Lisboa, 1961; pp. 345-346.

⁸ Em ambas as línguas os diminutivos podem expressar os mesmos efeitos de sentido, cf. B. Pottier, «Les infixes modificateurs en portugais. Note de morphologie générale», *Boletim de Filologia*, t. XIV, 1953; p. 250.

⁹ A edição portuguesa é a seguinte: *Obras de Eça de Queiroz. O Mandarin*. De acordo com a 1.^a ed. em livro, e seguido da 1.^a versão saída a público, em 1880, no *Diário de Portugal*. Fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura. «Livros de Brasil»,

Expressão da pequenez

O sufixo diminutivo usado normalmente em espanhol para expressar a ideia de pequenez é -ITO, -A (-CITO, -A, e as suas variantes reforçadas -ECITO, -A, -CECITO, -A):

- (1880) O tipo venerando, o papel amarelado com picadas de traça, a grave encadernação freirática, a fitinha verde marcando a página -encantavam-me! (I, 25)
- (1902) ¡El tipo venerable, el papel amarillento, la grave encuadernación frailuna, la cintita verde marcando la página, todo me encantaba! (9)
- (1920) El tipo venerable, el papel amarillento con picaduras de polilla, la grave encuadernación frailuna, la cinta verde marcando la página, me encantaban... (15)
- (1948) ¡Los tipos venerables, el papel amarillento y apolillado, la sobria encuadernación frailuna, la cintita verde para marcar la página me encantaban! (897)
- (1990) Los caracteres venerables, el papel amarillento roído por la polilla, la severa encuadernación monástica, la cintita verde marcando la página... me encantaban. (104)
- (1880) as calças de cetim cor de avelã descobriam ricas babouches amarelas pespontadas a pérolas, e um pouco da meia picada de estrelinhas negras: (IV, 87)
- (1902) las calzas, de satén color de avellana, descubrián ricas babuchas amarillas, pespunteadas de perlas y un poco de la media picada de estrellitas oscuras; (56)
- (1920) los pantalones, de satén color de avellana, descubrián ricas babuchas amarillas, pespunteadas de perlas, y un poco de la media, picada de estrellitas negras: (98)
- (1948) los calzones, de raso color avellana, descubrián unas lujosas babuchas pespunteadas de perlas, y un poco de la media sembrada de estrellitas negras; (916)
- (1990) los pantalones de satén color avellana descubrián ricas babouches amarillas pespunteadas con perlas y un poco de la media salpicada de estrellitas negras; (139)

A ideia de pequenez pode expressar-se também em espanhol pelo sufixo -ILLO, -A (-CILLO, -A; e as suas variantes reforçadas -ECILLO, -A, -CECILLO, -A) em diferentes casos em que o sufixo tem certa especialização no uso:

Lisboa, s.d.; as traduções comparadas são: Eça de Queirós, *El Mandarín*. Nuevos Clásicos, vol. III, Madrid, 1902 (anónima); Eça de Queiroz, *El Mandarín*. Traducción de la cuarta edición portuguesa por Andrés González Blanco. Colección Literatura. Tomo III. Madrid, 1920; José Maria Eça de Queiroz, *Obras Completas*. Recopilación, traducción, prefacio, acotaciones marginales y notas explicativas de Julio Gómez de la Serna. Tomo I (*El Mandarín*, pp. 891-935). Aguilar, Madrid, 1948; Eça de Queirós, *El Mandarín*. Edición de Pilar Vázquez Cuesta. Traducción de Paloma Navarro. Cátedra, Letras Universales, n° 132, Madrid, 1990. Citamos pelo ano de aparição.

- (1880) ao fundo o mercader, aparatoso e imóvel, escreve com um pincel sobre longas tabuinhas de sândalo; (IV, 91)
- (1902) al fondo, el mercader, aparatoso e inmóvil, escribe en un pincel sobre largas tablillas de sândalo, (59)
- (1920) al fondo, el mercader, aparatoso e inmóvil, escribe con un pincel sobre largas tablillas de sândalo, (104)
- (1948) al fondo, el comerciante, aparatoso e inmóvil, escribe con un pincel sobre largas tablillas de sândalo; (917)
- (1990) Al fondo el mercader, pomposo e inmóvil, escribe con un pincel sobre largas tablillas de sandalo. (111),

ou pode aparecer por causa de uma preferência idiolectal do tradutor ao lado de -ITO¹⁰:

- (1880) Ergui os olhos, avistei uma fachada branca com janelinhas gradeadas e uma cruz no topo; (VI, 125)
- (1902) Levanté los ojos y vi una fachada blanca con ventanillas enrejadas y una cruz en lo alto, (86)
- (1920) Levanté los ojos, divisé una fachada blanca con ventanitas enrejadas y una cruz en lo alto; (147)
- (1948) Alcé los ojos, divisé una fachada blanca con ventanillas enrejadas y una cruz en la cuspide. (927)
- (1990) Alcé los ojos y contemplé una fachada blanca con ventanitas enrejadas y una cruz en lo alto; (163)

- (1880) Havia um quiosque no jardim sob os sicômoros, que se denominava, à maneira chinesa, do Repouso Discreto: -ao lado um arroio fresco ia cantando docemente sob uma pontezinha rústica pintada de cor-de-rosa. (V, 104)
- (1902) Había un kiosko en el jardín, bajo los sicomoros, que se denominaba, á la manera china, el Reposo discreto; á un lado un arroyo fresco cantaba dulcemente bajo una fuentecilla rústica pintada de color rosa. (70)
- (1920) Había un kiosco en el jardín, bajo los sicomoros, que se denominaba, a la manera china, El reposo discreto; al lado, un arroyo fresco iba cantando dulcemente bajo un puentecito rústico pintado de color de rosa. (121)
- (1948) Había un quiosco en el jardín bajo los sicômoros que se llamaba, a la manera china, del Reposo discreto. Al lado, un arroyo fresco iba cantando dulcemente bajo un puentecillo rústico pintado de color de rosa. (921)
- (1990) Había un quiosco bajo los sicômoros del jardín que se llamaba, a la manera china, del Reposo Discreto; al lado, un arroyo fresco cantaba dulcemente bajo un puentecito rustico pintado de rosa. (150)

Para a tradução de -INHO expressando a ideia de pequenez é possível encontrar em espanhol uma solução analítica intermédia com o adjectivo «pequeño» ou similar:

- (1880) Eu não vinha visitar a China numa curiosidade ociosa de touriste: toda a paisagem dessa provincia, que se assemelha á dos vasos de porcelana, de um tom azulado e vaporoso, com colinazinhas calvas e

¹⁰ Há em espanhol outros sufixos diminutivos que podem expressar a ideia de pequenez como -IN, -A; -ICO, -A; -IÑO, -A, mas são considerados variedades dialectais que revelam a procedência do falante.

- de longe a longe um arbusto bracejante, me deixou sombriamente indiferente. (IV, 77)
- (1902) Yo no venía a visitar la China con esa curiosidad ociosa de turista: todo el paisaje de esa provincia, semejante al de un vaso de porcelana, de un tono azulado y vaporoso, con colinitas peladas y de tiempo en tiempo un arbusto solitario cuyo balanceo no me hizo salir de mi sombría indiferencia. (47)
- (1920) Yo no venía a visitar China con una curiosidad ociosa de turista; todo el paisaje de esa provincia, que se asemeja al de los vasos de porcelana, de un tono azulado y vaporoso, con colinitas calvas y de trecho en trecho un arbusto braceante, me dejó sombriamente indiferente... (83)
- (1948) Yo no venía a visitar la China con una ociosa curiosidad de turista. Todo el paisaje de esa provincia, que se asemeja al de los tiburones de porcelana, da un tono azulado y vaporoso, con unas colinitas calvas, y de cuando en cuando un arbusto retorcido, me dejó sombriamente indiferente. (912)
- (1990) Yo no visitaba China por la curiosidad ociosa de un *touriste*: todo el paisaje de esa región que recuerda el de los jarrones de porcelana, de un tono azulado y vaporoso, con pequeñas colinas calvas y de vez en cuando un arbusto agitado por el viento, me dejó melancólicamente indiferente. (133),

estrutura analítica que às vezes pode ser considerada galicismo:

- (1880) A camisinha de gaze, bordada a *soutache* de filigrana de ouro, colava-se aos seus seios pequeninos e direitos; vastas, fofas calças de *foulard* cor de coxa de ninfa, que lhe davam uma graça de serrallo, recaíam sobre o tornozelo fino, coberto de meia de seda amarela: -e apenas três dedos da minha mão cabiam na sua chinálinha... (V, 106)
- (1990) La camiseta de gasa, bordada a *soutache* con hilo de oro, se pegaba a sus senos pequeños y erguidos; amplios y fofos pantalones de *foulard* color muslo de ninfa, que le daban una gracia de serrallo, caían sobre el tobillo fino, cubierto con media de seda amarilla; y apenas tres dedos de mi mano cabían en su pequeña chinela... (151-52)

Expressão geral do afecto

Do sentido de pequenez passa-se com grande facilidade para a ideia de afecto, que o diminutivo -INHO expressa quase sempre para indicar um conjunto de sentimentos relacionados com o carinho ou a compaixão:

- (1880) E eu ia pensando, com uma tristeza tão pálida como aquele mesmo céu de Outubro asiático, nas duas lágrimas redondinhas que vira brilhar, à despedida, nos olhos verdes da generala!... (V, 111)
- (1902) Y yo iba pensando, con una tristeza tan pálida como aquel cielo asiático de Octubre, en dos lágrimas redonditas, que al partir vi brillar en los ojos verdes de la generala. (76)
- (1920) Y yo iba pensando con una tristeza tan pálida como aquel mismo cielo de Octubre asiático, en las dos lágrimas redonditas que había visto brillar, a la despedida, en los ojos verdes de la generala... (131)
- (1948) Y yo iba pensando, con una tristeza tan lânguida como aquel mismo cielo de octubre asiático, en las dos lágrimas redonditas que vi brillar, al despedirnos, en los ojos verdes de la generala!... (923)
- (1990) Y yo iba pensando, con una tristeza tan lânguida como aquel mismo cielo de octubre asiático, en las dos lágrimas redondas que había

visto brillar al despedirnos en los ojos verdes de la generala...
(155)

- (1880) Oh tortura engenhosa! Tortura realmente chinesa! Não podia levar à boca um pedaço de pão sem imaginar imediatamente o bando faminto de criancinhas, a descendência de Ti-Chin-Fu, penando como **passarinhos** implumes que abrem de balde o bico e piam em ninho abandonado; (III, 65-66)
- (1902) ¡Oh, tortura espantosa! ¡Tortura realmente chinesca! No podía llevarme á la boca un pedazo de pan sin recordar á los descendientes de Ti-Chin-Fu, pidiendo de comer, como **pajarillos** sin plumas que abren en vano el pico y pían en un nido abandonado. (40)
- (1920) ¡Oh, tortura ingeniosa! ¡Tortura realmente china! No podía llevar a la boca un pedazo de pan sin imaginar inmediatamente a la bandada de criaturas, la descendencia de Ti-Chin-Fu, penando, como **pajarillos** implumes que abren en vano el pico y pían en nido abandonado; (76)
- (1948) ¡Oh tortura ingeniosa! ¡Tortura realmente china! No podía llevarme a la boca un pedazo de pan sin imaginar inmediatamente la pandilla hambrienta de niños, los descendientes de Ti-Chin-Fu, penando, como **pajarillos** implumes que abren en balde el pico y pían en el nido abandonado; (909)
- (1990) ¡Oh tortura ingeniosa! ¡Tortura realmente china! No me podía llevar un pedazo de pan a la boca sin imaginarme inmediatamente la bandada hambrienta de niños, la descendencia de Ti-Chin-Fu, sufriendo como **pajarillos** sin plumas que abren en balde el pico y pían en un nido abandonado; (127).

Ao lado dos sufixos -ITO e -ILLO é possível encontrar em espanhol a forma positiva, sem sufixo, quando se trata de casos idiomáticos relacionados com certa maneira peculiar que tem a língua portuguesa para expressar o afecto:

- (1880) Uma manhã o leigo da portaria avistou enfim o alegre padre Lorient, (...) com a sua grande mochila ao ombro e uma criancinha nos braços: tinha-a encontrado abandonada, nuazinha, morrendo à beira de um caminho: (...) e ali a trazia, todo enternecido, arquejando de tanto que estugara o passo, para dar depressa à **criaturinha** estomeada o bom leite da cabra do convento... (VII, 134-35)
- (1902) Una mañana el lego de la portería avistó al alegre padre Lorient (...) con su mochila al hombro y una **criatura** en los brazos; la había encontrado abandonada, **desnudita**, muriéndose á la orilla de un camino (...) y allí lo traía, todo enternecido, apretando el paso, para darle pronto buena leche de las cabras del convento. (92)
- (1920) Una mañana el lego de la portería divisó por fin al alegre padre Lorient (...) con su mochila al hombro y una **criaturita** en los brazos; la había encontrado abandonada, **desnudita**, muriendo a orillas de un camino; (...) y allí la traía, todo enternecido, jadeando de tanto como apretara el paso para dar de prisa a la **criaturita** hambrienta la buena leche de cabra del convento. (156-57)
- (1948) Una mañana, el lego portero divisó al fin al alegre padre Lorient (...) con su mochila al hombro y una **criatura** en los brazos. Habíala encontrado abandonada, **desnudita**, moribunda, al borde de un camino (...) Y allí la traía, todo enternecido, jadeante de tanto como apresuró el paso para dar de prisa a la **criaturita** famélica la buena leche de la cabra del convento... (929)
- (1990) Una mañana el lego de la portería divisó por fin al alegre padre Lorient (...) con su mochila al hombro y un niño en los brazos: lo había encontrado abandonado, **desnudo**, muriéndose al borde de un camino; (...) y allí lo traía, todo conmovido, jadeando de tanto que había apretado el paso para dar de prisa a la **criaturita** hambrienta

Além disso, o sufixo -INHO pode dar expressão, a partir da ideia geral de afecto, a valores eufemísticos que tentam atenuar o que se diz ou disfemísticos que evidenciam a mediocridade para ridiculizar com uma intenção irónica. É neste último caso que os tradutores vão encontrar mais problemas para conseguir uma tradução mais adequada.

Expressão da desvalorização

A obra de Eça de Queirós contém muitos exemplos em que o diminutivo -INHO é usado para expressar a ideia geral da desvalorização com um carácter irónico. As dificuldades que encontram os tradutores resolvem-se bem pela ausência de equivalências, bem pela confusão de valores, o que produz uma perda do valor estilístico:

- (1880) Era **pequenino** e obeso: a ponta das suíças brancas roçava-lhe as lapelas do fraque de alpaca: (II, 43)
- (1902) Era **pequeño** y gordo: venerables lentes de oro relucían en su faz bonachona, que parecía una personificación del Orden. (22)
- (1920) Era **pequeñito** y obeso; la punta de las patillas blancas rozábale las solapas de la chaqueta de alpaca; (37-38)
- (1948) Era **bajito** y obeso: la punta de las patillas blancas rozaba las solapas del fraque de alpaca (902)
- (1990) Era **bajito** y gordo; la punta de las patillas blancas le rozaba las solapas del frac de alpaca; (114)

A primeira tradução não expressa o carácter desvalorizador; a segunda ao traduzir «pequeñito» inclui um carácter afectivo que não está presente no texto original; as traduções de 1948 e 1990 traduzem «bajito» reproduzindo bem o valor do diminutivo.

- (1880) O sujeito engasgava-se; e a sua mão **gordinha** agitava em tremuras um envelope repleto, com um selo de lacre negro. (II, 43)
- (1902) El hombre calvo sofocóse; y agitando nerviosamente en su **gruesa** mano un sobre repleto, con un sello de lacre negro, prosiguió: (23)
- (1920) El sujeto se aturullaba y su mano **gordita** agitaba con temblores un sobre repleto, con un sello de lacre negro. (38)
- (1948) El sujeto se sofocaba, y su mano **gordezuela** agitó con temblores un *enveloppe* abultado, con un sello de lacre negro. (902)
- (1990) El sujeto se ahogaba; y su mano **gordezuela** agitaba temblando un sobre repleto, con un sello de lacre negro. (114)

A primeira tradução «gruesa» perde o valor de mediocridade; a segunda «gordita» tem em espanhol um carácter valorizador ou atenuador que não tem no texto português; a terceira e quarta traduções reflectem bem com outro sufixo diminutivo «gordezuela» o carácter desvalorizador.

- (1880) Tinha-a visto, como numa página de novela, regando os seus craveiros à varanda: chamava-se Cándida; era pequenina, era loura; morava a Buenos Aires, numa casinha casta recoberta de trepadeiras; e lembrava-me, pela graça e pelo airoso da cinta, tudo o que a Arte tem criado de mais fino e frágil -Mimi, Virginia, a Joanninha do Vale de Santarém. (111, 56)
- (1902) La había visto, como en una página de novela, regando sus claveles en el balcón; se llamaba Cándida; era pequeñita y rubia; habitaba una casita cubierta de enredaderas, y me recordaba por la gracia y por lo airoso de su cintura, todo lo que el arte ha creado más fino y grácil: Mimi, Virginia, Julieta... (32)
- (1920) Habíala visto, como en una página de novela, regando sus claveles en el balcón; llamábase Cándida, era pequeñita, era rubia; moraba en el barrio de Buenos Aires, en una casita casta cubierta de trepadoras, y me recordaba por la gracia y por lo airoso de la cintura todo lo que el Arte ha creado de más fino y frágil: Mimi, Virginia, Joanninha del Valle de Santarém. (54-55)
- (1948) Habíala visto, como en una página de novela, regando sus claveles en la ventana. Se llamaba Cándida; era pequeñina y rubia; vivía en Buenos Aires, en una casita apacible, cubierta de enredaderas; y me recordaba, por la gracia y lo airoso de su talle, todo de cuanto el arte ha creado de más fino y frágil: Mimi, Virginia, la Juanilla del valle de Santarém. (906)
- (1990) La había visto, como en una página de novela, regando sus claveles en el balcón; se llamaba Cándida; era menuda y rubia; vivía en la calle de Buenos Aires, en una casita casta cubierta de enredaderas; y me recordaba, por su gracia y por lo airoso de su talle, todo cuanto el arte ha creado de más delicado y frágil: Mimi, Virginia, la Juanita del valle de Santarém. (121)

A tradução «pequeñita» ou «pequeñina» (de carácter dialectal) não informa da altura -«bajita» ou «menuda»; «casita» contribui neste caso para reforçar a ironia do texto já que os significados que a acompanham -«casta», «trepadeiras»- ajudam a desvalorizar o diminutivo. No que diz respeito à tradução dos nomes próprios os tradutores oferecem diferentes traduções que mostram a dificuldade e especificidade deste domínio¹¹.

No seguinte exemplo o sufixo -ITO acompanha em espanhol a

¹¹ Pode consultar-se, *Problemas de la Traducción*, Mesa Redonda, 1983. Fundación Alfonso X el Sabio, Madrid, 1987; (pp. 11-50).

construção do sentido irónico reflectida no texto a partir de uma fingida afectividade:

- (1880) -Eu prefiro a França! suspirou a esposa do primeiro-secretario, uma bonecazinha sardenta, de cabelo arruivascado. (IV, 100)
(1902) -¡Yo prefiero á Francia! suspiró la esposa del primer secretario, una jovencita pálida de cabello rizado. (66)
(1920) -Yo prefiero a Francia -suspiró la esposa del primer secretario, muñequita flaca y pecosa, de cabello arrubiascado... (117)
(1948) -Yo prefiero a Francia -suspiró la esposa del primer secretario, una muñequita pecosa, de pelo rubio rojizo. (920)
(1990) -¡Yo prefiero Francia! -suspiró la esposa del primer secretario, una muñequita pecosa y pelirroja. (146)

Contudo, as duas primeiras traduções não respeitam o sentido, porque em «jovencita pálida» se perde o valor desvalorizador e em «muñequita flaca y pecosa» se acrescenta.

Sempre que o texto contenha suficientes dados para corroborar a ironia ou reconhecer o seu carácter desvalorizador, é possível a tradução de -INHO por -ITO. No entanto, convém recordar que os elementos lexicais, eles mesmos, não são portadores de significado irónico e, por conseguinte, dependerá do uso concreto de cada diminutivo, ao contrário do que acontece com a entoação e os factores prosódicos que são capazes de revelar a ironia.

A comparação de traduções parece ser, segundo o Prof. Schmitt, uma fonte de informação válida para contribuir a elaborar uma gramática orientada para o uso¹²; neste sentido, a comparação das traduções espanholas de *O Mandarim* mostra que, ao lado da tendência natural do espanhol para traduzir o sufixo -INHO pelo diminutivo -ITO (e as suas variantes), há também outras possíveis traduções que reflectem um polimorfismo tanto morfológico como léxico que nem sempre se acomoda ao valor do sufixo português:

¹² Cf. Ch. Schmitt, «Aspectos semánticos y pragmáticos de una teoría contrastiva de la formación de palabras entre la lengua castellana y las lenguas alemana y francesa». Seminario: *Problemas de Traducción*. EUTI, Granada, 1991.

umas vezes porque não traduzem determinados significados relacionados com a desvalorização; outras porque não ultrapassam com o sufixo -ITO a esfera do afecto ou da pequenez.

Partindo do princípio geral que reconhece a impossibilidade de estabelecer critérios fixos e regras universais para a tradução dos elementos lexicais, podemos dizer que entre as equivalências de -INHO para expressar a ideia de afecto ou pequenez podemos encontrar em espanhol -ITO (e as suas formas reforçadas)¹³:

A rapariga magra acabou a sopa, pousa a colher, a sua mão direita vai afagar, como um animalzinho doméstico, a mão esquerda que descansa no colo. (26) (La mocita flaca acabó la sopa, deja la cuchara, su mano derecha acaricia, como si fuera un animalito doméstico, a la mano izquierda, que descansa en el regazo. 22)

E há febres por aí, tosses, umas garrafinhas de aguardente que ajudam a passar o tempo e espaírem do frio. (70) (Y hay fiebres allí, toses, unas botellitas de aguardiente que ayudan a pasar el tiempo y desentumecen el cuerpo. 59)

Ricardo Reis logo no dia seguinte foi comprar o livrinho, (142) (Ricardo Reis fue al día siguiente a comprar el librito, 119)

Quando esta ideia adquire um matiz compassivo pode também aparecer -ILLO:

Bodos aos pobres por todo o país de cá, ceia melhorada nos asilos, que bem tratados são em Portugal os macróbios, bem tratada a infância desvalida, florinhas da rua, (29) (Comidas de solemnidad a los pobres aquí, a lo largo del país, cena especial en los asilos, qué bien tratan en Portugal a los ancianos, qué bien tratada la infancia desvalida, florecillas de las calles, 25)

e os pobres cãesinhos, gementes, estão morrendo sem verem quem os devora, (30) (y los pobres cachorrillos, gimiendo, mueren sin ver quién los devora, 26)

ao redor corriam outros pedindo ajuda para o enterro, que o pobrezinho já morreu há três dias e começa a cheirar mal, (163) (alrededor corrían otros pidiendo ayuda para el entierro, que el pobrecillo murió hace ya tres días y empieza a apestar, 136),

sufixo que em espanhol aparece lexicalizado em muitas palavras:

as cinco mil pesetas dadas do seu bolsinho para o exército de Franco, (380) (y dio cinco mil pesetas de su bolsillo para lo que ya entonces era llamado ejército nacionalista español, 324).

Quando -INHO é usado em português para indicar o carinho

¹³ Para os exemplos que aparecem a seguir baseamo-nos no romance de José Saramago, *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (Caminho; Lisboa, 1985, 6ª ed.) em tradução de Basílio Losada (Seix-Barral, Barcelona, 1984).

relacionado com as pessoas ou coisas constitui muitas vezes idiomatismo que o tradutor espanhol deve traduzir da maneira mais adequada; há, portanto, uma grande variedade de soluções que podem incluir uma série aberta de possibilidades. Reparemos na variedade de soluções tradutoras que deparamos os seguintes exemplos:

Quinto concurso de beleza infantil, meia página de retratos de criancinhas, nuazinhas de todo, (28) (Quinto concurso de belleza infantil, media página de retratos de chiquillos, desnudos del todo, 24)

Uma mulher idosa, descalça, vestida de escuro, abraçava um rapazinho magro, (307) (Una vieja, descalza, vestida de oscuro, abrazaba a un mozuelo flaco, 262)

Ricardo Reis, nesta multidão, é o único sábio capaz de comparar varredor e carteiro lisboetas àquele célebre rapazinho de Paris que apregoava os seus bolinhos enquanto a multidão enfurecida assaltava a Bastilha, (341-42) (Ricardo Reis, en esta multitud, es el único sabio capaz de comparar barrendero y repartidor lisboetas con aquel célebre chiquillo de Paris que pregonaba sus bollos mientras la multitud asaltaba la Bastilla, 292)

Ja me lembro, aquele rapazinho nu, a fingir de grego, (359) (Ya recuerdo, aquel muchacho desnudo, que se hacía el griego, 308)

e era então reitor da Universidade de Salamanca, não um rapazinho da nossa idade, (378) (y era entonces rector de la Universidad de Salamanca, no un muchachuelo de nuestra edad, 324)

No mesmo instante se lhe encheram os olhos de lágrimas, (...) ou terá sido do enterro de anjinho que passou em sua carreta branca, (42) (En el mismo instante se le llenaron los ojos de lágrimas, (...) o habrá sido por el entierro del chiquillo, pobre ángel, que pasó en su ataúd blanco, 35)

Aqui ao fundo da Rua do Alecrim abre a velhinha a bolsa e tira de dentro a moeda com que paga a S. Cristóvão, (58) (Aquí en el fondo de la Rua do Alecrim abre la vieja el bolso y saca la moneda con que paga a San Cristóbal, 49)

as velhinhas de brancos cabelos chorando lágrimas de ternura, (261) (las viejecitas de blanco cabello llorando lágrimas de ternura, 220)

E a minha netinha, (162) (Es mi nieta, la pequeña, 162)

as mães gritam por seus filhinhos, as crianças gritam por suas mãezinhas, de maridos e pais ninguém se lembra, (338) (las madres llaman a gritos a sus hijos, los niños llaman a sus madres, de maridos y padres nadie se acuerda, 289).

Esta afectividade característica da língua portuguesa nem sempre encontra uma tradução exacta através do diminutivo espanhol, bem como acontece quando o sufixo -INHO faz parte de um advérbio ou palavras invariáveis:

a conversa aproximara-os devagarinho duma indefinível comoção, (201) (la conversación los había ido aproximando lentamente con una indefinible conmoción, 170)

sair só para o almoço, de fugida, ali pertinho, (241) (salir sólo a comer, a la carrera, allí cerca, 205)

a do terceiro andar abriu de mansinho a porta e ficou a observar de cima, (253) (la del tercero abrió suavemente la puerta y se quedó mirando hacia arriba, 214)

conversaremos um bocadinho (268) (hablaremos un rato, 227)
À tardinha, com a primeira brisa, Ricardo Reis volta a sair, (346) (Al
atardecer, con la primera brisa, Ricardo Reis vuelve a salir, 296)
por isso é que a criada do senhor doutor vem de manhã cedo e sai quase
à noitinha, (357) (por eso la criada del señor doctor viene temprano
y se va tarde al anochecer. 306)

Há outros casos em que o tradutor deve reproduzir o efeito eufemístico ou atenuador e irónico ou desvalorizador sem recorrer a uma reprodução formal, visto que a atenuação ou a ironia podem expressar-se por outros meios linguísticos. Assim:

Talvez já trabalhasse para ele na outra morada. Pode ser, vizinha, pode ser, não digo que não, mas também pode ser que haja ali arranjinho, (253) (Quizá trabajaba ya para él en la otra casa. Es posible, vecina, es posible, no digo que no, pero también es posible que allí haya un lio, 214),

onde a tradução de «arranjinho» por «un lio» perde em espanhol o valor atenuador que tem em português, isto é, «a capacidade de exprimir a coisa encoberta, por meio do diminutivo»¹⁴, de maneira que o tradutor também poderia ter proposto as seguintes equivalências: «pero también es posible que haya algún lio» ou «pero también puede tratarse de algún arreglo (apaño)».

Consideremos, já para concluir, um exemplo onde a escritora ironiza, a propósito da abundância americana, espantada pelo esbanjamento que os americanos fazem da energia¹⁵:

Formiguinhas poupadinhas dos países pobrezinhas mas honrados, já vos apercebestes do vosso gesto automático de apagar tudo antes de sair de casa? (64),

que em espanhol é impossível traduzir por uma série de diminutivos, porque é rejeitado pelo uso; o tradutor deverá manter o valor irónico com outros meios linguísticos: anteposição do adjectivo, tradução do diminutivo principal e escolha de um

¹⁴ Cf. M^a H. de Novais Paiva, op. cit., p. 387.

¹⁵ Tirado do livro de Clara Pinto Correia, *The Big Easy*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1992.

meio expressivo que contenha um valor semântico capaz de contribuir ao desenvolvimento da ironia. Mais ou menos assim:

Ahorradoras hormiguitas de los países pobres, sí, pero honrados, ¿habéis reparado alguna vez en ese gesto automático con que apagáis todo antes de salir de casa?

Os exemplos aqui apresentados reflectem a complexidade que encerra a tradução do diminutivo -INHO. Também demonstram que não é possível guiar-se apenas pela equivalência formal e advertem sobre o cuidado e estudo que merece a tradução de línguas próximas.